

Mgkai, Estrangeiro como NÃ3s



A paternidade nunca me inspirou muito e confesso que admiro a abnegaÃ§Ã£o dos que se prontificam a exercer voluntariamente este ofÃcio. NÃo se trata de aversÃo Ã crianÃsa. Muito pelo contrÃrio. Sempre me diverti muito com meus sobrinhos e de forma mais intensa ainda quando eles eram bem pequenos. A ter filhos, confesso que, por razÃes que a sÃ a razÃo explica, preferiria seguir os passos de Ana AmÃlia Macedo e Roberto Berliner e optar pela adoÃ§Ã£o. JÃ existem crianÃsas em nÃmero suficiente no mundo superpopuloso em que vivemos, a grande maioria delas totalmente desassistidas. E vejam a maravilha de famÃlia que a Ana AmÃlia e o Roberto construÃram. Falta a mim, no entanto, a coragem que sÃ os pais, sejam eles partidÃrios da adoÃ§Ã£o ou nÃo, tÃam.

Essa introduÃ§Ã£o toda Ã pra falar de â??Mgkai, o Estrangeiroâ? (Editora EdebÃa, 2016), livrinho infanto-juvenil que a amiga Sheila Kaplan lanÃsou no sÃbado passado na livraria Malasartes, no Shopping da GÃlvea. Desde que vi o tÃtulo fiquei, como uma crianÃsa, intrigado sobre como pronunciar aquele nome: Migkai ou Mikai. Sheila jÃ estabelece no tÃtulo o estranhamento que quer que todos os seus leitores pequeninos ou jÃ crescidos experimentem. E Mgkai Ã o estrangeiro que, como jÃ nos demonstrou Albert Camus, de forma nada convencional, somos todos nÃo apenas na escola, mas por toda a vida. Estamos sempre buscando a sintonia e a empatia de alguÃm e achando que esse alguÃm infelizmente nÃo existe. Imaginamos que todos vÃo sempre e inevitavelmente entender a nossa perspectiva como estranhÃssima e incompreensÃvel. Passamos o diabo tentando acertar o passo com o de nossos semelhantes.

Ao falar do estrangeiro Mgkai, Sheila retrata com a maior classe o ambiente escolar com seus tipos e incidentes recorrentes. JÃ tive que brigar muito com o Genildo. Como gostava de apanhar. Eu nÃo

entendia aquilo e queria paz para estudar. Teve uma hora que tive que ser sincero e direto com minha mãe: “Preciso mudar de escola urgentemente. Aquilo lá é uma bagunça”. A bagunça era o Colégio Brasileiro de Almeida. Nunca fui *bad boy*, mas andava em más companhias, não sei por quê. Um dia, depois da aula de educação física no Flamengo com o José Roberto Wright, o Marcos Alexandre foi para o alto da arquibancada do clube e, acreditem, jogou uma garrafa de Coca-Cola de lá de cima no meio da rua. O Nadais e eu estávamos com ele e o idiota aqui acabou na coordenação levando pito do professor Terdy. Por nada.

É. Sheila com sua ficção nos faz voltar no tempo. A autora encontra ainda o jeito certo de estabelecer aquele humor que é o que dá graça a uma história bem contada. Na Malasartes, tivemos a leitura inspirada de uma atriz nata, a Risa Landau, que nos fez mergulhar de cabeça naquela balbúrdia escolar. Aconselhei a dupla a sair pelas livrarias da cidade levando a história e sua mensagem para novos leitores, que precisam conhecê-la. Sim, senhores, a velha mensagem não fora de moda estava precisando de alguém que a reabilitasse com alguma dignidade, o que acabou ocorrendo de forma delicada pelas mãos da Sheila. Especialmente em uma sociedade de crianças tratadas como semideuses, paparicadas ao extremo, e que podem tudo sem obrigar alguma em contrapartida.

Como disse Dana Carvey (ele teve dois garotos endiabrados que davam o maior trabalho), os pais de hoje em dia estão desmoralizados. Não têm a mínima autoridade. Em lugar de exigir boas maneiras, se limitam a comentar, como que humilhados, “Não foi isso que nós combinamos?”. Tomara que “Mgkai” ajude a criar um ambiente mais tolerante entre esta garotada. Quem sabe assim tenhamos pessoas que saibam tratar o desconhecido sem tanto preconceito, intransigência e espírito separatista. Vou recomendar a uma de minhas sobrinhas postinhas, a Lilice, que proponha ao pessoal de sua escola de teatro, o Catsap, uma montagem teatral de “Mgkai”. Torço para que isso aconteça.



Sheila Kaplan (primeira ã direita, no chÃ£o)

Category

1. ColÃ©gio Brasileiro de Almeida
2. Sheila Kaplan

Date Created

2016/06/27

Author

kikopedrosa